

**A IMPOSSIBILIDADE DE SE MORRER NO (A)MAR:
ECOS DE UM MAR MORTO**

*Hortência Siebra Silva**
*Cid Ottoni Bylaardt***

“porque o amor é forte como a morte”
Cânticos, 8:6

RESUMO:

A partir da obra *Mar morto*, de Jorge Amado, buscaremos o enfoque de dois elementos recorrentes: amor e morte. Elementos estes tão presentes na vida de Guma, dos marítimos, do cais. Seguiremos a análise guiados pelo estudo da narrativa presente em Agamben, Morin e Blanchot, buscando tecer contextos entre eles, o amor, a morte e a Literatura, conduzidos como o leme nas mãos experientes de Guma à procura dos mistérios do mar e de Iemanjá. Iremos, com ele, em busca do desconhecido do narrativo.

PALAVRAS CHAVE: Guma; Amor; Morte; Mar; Literatura.

Entramos no livro, caminhamos pela obra e esbarramos na Bahia, ou melhor, no velho cais de Salvador. À nossa espera está uma tempestade que traz antes do tempo a noite, não a noite das canções no porto, nem a das batidas nos tambores de macumba, mas a noite do choro e da morte. A noite tempestuosa que faz do leme a cruz e das velas a mortalha do navegante.

A tempestade não demorou muito, apenas o suficiente para carregar o marido e o filho de Judith. Lívia chorou com ela, não por ela, pois sabia que chegaria o dia de entregar seu amor a Iemanjá sem mesmo despedir-se dele. Lívia conheceria, assim como Ju-

* Universidade Federal do Ceará.

** Professor adjunto de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Ceará.

dith, a noite das lágrimas. É o que está escrito no primeiro capítulo e o que será parafraseado em todos os outros.

A morte no mar é constante e certa. Ela vai chegar, aliás ela já está lá e sempre esteve a banhar-se naquelas águas, mas sua face pavorosa só é vista quando a lua desaparece e a tempestade confunde céu e mar em trevas: nelas os pais, os filhos, os mestres de saveiros se perdem, indo ao encontro de Iemanjá, para fazerem dela sua mulher, para terem com ela a tão esperada noite de amor. E eles vão sem medo, pois ela estará de braços abertos esperando-os, puxando-os, tragando-os. Não há outro fim para o homem do mar, além do próprio mar. Perder-se na imensidão sem se despedir, sem cantos ou rituais fúnebres, apenas ir sem voltar.

Essa morte é também protagonista, pois está nas canções dos marítimos, nas histórias do velho Francisco, no dia a dia do cais. “É doce morrer no mar”¹, doce para os marinheiros que vão para as terras de Aiocá com a mãe-mulher-Iemanjá, mas como é acre para as famílias, acre para as suas mulheres que necessitam de esmolas ou da prostituição para alimentar os filhos, acre para os filhos que também terão o mesmo fim: o mar.

Iemanjá levará Guma, assim como levou Jacques e seu filho. A morte arrastará Guma, assim como fez com Rufino e Esmeralda. Guma irá morrer, dizem as histórias, as músicas, o pressentimento de Lívia. Uma morte já anunciada desde o princípio, mas uma morte sempre por acontecer, uma morte incrível nunca anunciada, nunca aceita, pois Guma é amado por muitos, no cais, no Farol das Estrelas, no litoral da Bahia. Guma é amado por Lívia, pela narrativa que o encobre, mas acima de tudo por Iemanjá.

Guma é o dono da mulher mais bela do cais, é aquele que dominou o corpo sedento de Esmeralda e o mesmo que antes de tudo, antes de crescer e se tornar mestre de saveiro, desejou sua mãe como mulher, como a mulher da vida que ela era. Guma foi um herói do cais, que atracou navio em tempestade, que se arriscou muitas vezes para salvar a quem sua honra mandava salvar. Ele era valente, leal, ele era um filho querido de Iemanjá. Guma amou e foi amado.

¹ “É doce morrer no mar”: trecho da música homônima, composta por Dorival Caymmi, cantada diversas vezes ao longo do romance.

E esse amor de mil faces perpassa toda a narrativa, ora terno e manso como o do velho Francisco para com seu sobrinho, ora confuso como o de Rosa Palmeirão com o protagonista, ora ardente como o de Lívia com o marido, ora devoto como os dos navegantes com Iemanjá. Grande amor, curta trama. Sentimento exacerbado, que deixa sua pegadas sobre as areias brancas do cais. É o sentir incomensurável, que nem a morte é capaz de sanar.

Porque esse amor é fonte de prosa e poesia. Porque esse amor é narrativo. Porque esse amor é *complexus* tecido como vela. Era por amor que Guma entrava na água, era por amor que Guma se lançava no desconhecido, era por esse mesmo amor que Guma velejava em companhia da morte, em busca de sua mãe/mulher Iemanjá. E foi por amor que Guma não morreu, foi por amor que o Valente continuou seu percurso no mar. Aqui, segundo Edgar Morin (2010, p. 25), encontra-se a dupla face do amor:

o amor é paradoxal como a vida e, por isso, há amores que duram, do mesmo modo que dura uma vida. Vive-se de morte, morre-se de vida. O amor poderia, potencialmente, regenerar-se, operar em si mesmo uma dialógica entre a prosa que se espalha na vida cotidiana e a poesia que fornece a seiva a essa mesma vida. (MORIN, 2010, p. 25)

Ou melhor, encontra-se a única face do amor: o amor é elo. Elo entre extremos, elo entre iguais, elo entre prosa e vida. No entanto, tal definição não nos basta, precisamos falar do amor, assim como precisamos falar da narrativa, da prosa, da vida. Tudo que nos inquieta, nos instiga. E como não falar desse amor narrativo que nos deixa um suspiro doído, do amor nas linhas e entrelinha?

No entanto, qual amor não provém de uma narrativa? Qual amor foge à palavra? Eis outro paradoxo do amor que, ainda segundo Morin (2010), é tanto corpóreo quanto mental, é tanto material quanto mítico, e de onde vem o mito se não da linguagem? O amor é linguagem. De modo que “o amor, simultaneamente, procede da palavra e precede a palavra” (MORIN, 2010, p. 17). Como a linguagem literária que vagueia, tentando expressar além, bem além de uma palavra, mas que não pode ir além dela se não por ela.

Guma é linguagem, e é nesse ponto onde amor, personagem e literatura se confundem, pois a todos cabe um anseio. O anseio de chegar, o anseio de se deixar levar ao desconhecido, uma sede do desconhecido, o domar o indizível, de dizer o indomável. No entanto como chegar nele se não pelos seus próprios caminhos? Aos lugares conhecidos, caminhos já mapeados. E estes não bastam para o tamanho anseio do amor, de Guma, da literatura.

No entanto como fugir do caminho? Como desprender-se da palavra, da força do termo “eu te amo”, da fixação de Guma pelo mar, do fardo pesado de significações da palavra? Como fazê-lo se não pela própria vida, pelo próprio percurso de cada um? A eles e a nós só resta uma chegada: a morte. É assim que Guma consegue chegar às terras de Aiocá, é assim que ele vai ao encontro de sua esposa adorada, Iemanjá, é pela morte que Guma encontra o incrível, a maravilha, o indizível, que no cais tentavam contar.

No entanto, ele foi com uma parte desse elo, a outra ficou no cais, com seu amor da terra, ficou com Lívia. E por ela, graças a ela, ele não morreu. Guma não conseguiu partir. Guma se foi ficando. Guma ficou. Nas águas da baía, no correr do Valente, no filho que trilhará esse mesmo caminho. Ele ficou nas histórias do cais. Ele ficou pelo amor de Lívia, que nunca o deixará. No domar do leme pela esposa, no canto de amor perdido, que sempre o impedirá de se perder. Não acharam o corpo de Guma, nem acharão. Guma não morreu, ficou pelo amor, no amor e na canção. Guma se foi e ficou no mar e assim ficando, deixou-se encontrar por Lívia. Assim conta o narrador, ao falar do desaparecimento do corpo do personagem:

— Não adianta mais. Ele não aparece mais. Quando a vela emborca...

Suspendem as velas dos saveiros. Lívia inclina o rosto. O vento que passa levanta seus cabelos. Misturou suas lágrimas com o mar, é irremediavelmente dele porque nele está Guma. Para sentir novamente com Guma terá que vir ao mar. Ali o encontrará sempre para as noites de amor. [...] No mar encontrará Guma para as noites de amor. Em cima do saveiro recordará outras noites, suas lágrimas serão sem desespero. (AMADO, 1995, p. 251)

Novamente os elementos se confundem, Guma é o mar, mas este é um “Mar MORTO”, assim como Guma. Entretanto, nenhum deles consegue parar, nenhum pode deixar de significar. Eles estão sempre ecoando, sempre dizendo. Guma sempre será o mito, que fala, que age. Guma sempre será linguagem, assim como o mar. O mar morto que cria saveiros, mestres de saveiros, histórias, lendas e canções do mar.

A morte já não é um fim, mas um eterno findar. O mar cria e destrói. O mar cria destruindo. A morte também não deu fim a Guma, nem ao amor, nem a Literatura. A morte, que não consegue vencer o amor. O amor que não consegue morrer. Ao amor e a morte cabem tudo, as infinitas partes presas em elo. Ambos elo. Ambos são linguagem. Uma linguagem tagarela, que não se cansa de dizer, mas que nem mesmo sabe o que diz. A palavra de Eco², que não consegue parar de repetir. Assim como o amor e a morte, repetem seu círculo, formando e deformando o ciclo vital das pessoas, da narrativa.

No entanto, essa não é uma repetição vazia de significado, pelo contrário é carregada de sentido e sentimento. Recurso muito usado pelo narrador do romance, para indicar ao leitor e ao próprio personagem o caminho sem volta, nem ida, da morte. Como podemos ver nos trechos a seguir (AMADO, 1995) e ao longo de todo o romance:

Guma nunca foi tentado pela terra. Lá não há aventura. A estrada do mar, larga e oscilante, essa, sim, o tentava. E o levaria, sem dúvida para onde ele encontrasse aquilo que lhe faltava, amor, morte, não sabia o quê. Seu destino era o mar. (p.41)

A verdade — pensa Guma — é que é difícil chegar com vida. Hoje será o seu dia. Pensa isso sem medo. (p.61)

Um marítimo deve ser livre, diz o velho Francisco, diz a canção, dizem os fatos diários. Livre para não amar, para viver mais largamente. Porém livre para morrer, para celebrar suas núpcias com Iemanjá, a dona do mar. Livre para morrer, que é para a morte que eles vivem, morte tão próxima, tão certa que nem é esperada, nem se preocupam com ela. (p.110)

Ainda nesses trechos podemos constatar uma morte sempre dita, que não cansa de ser lembrada. A morte por vezes anunciada, que ameaça destruir, destituir e calar, mas

² Eco: personagem da mitologia grega, castigada por Hera a repetir tudo o que ouvia, sem ter domínio sobre seu falar.

que nada faz além de dizer mais ainda, nada além de criar histórias e canções, nada além de levar e trazer de volta, os homens, os barcos, os mitos. Eis a morte impotente, que não aceita o seu fim, nem seu silêncio. A morte que faz do silêncio o murmúrio do estar sempre a morrer.

A morte também é linguagem, pois dela nada sabemos além do anúncio e da certeza de que virá. A morte virá de/ao encontro com todos, como veio ao encontro de Guma na tempestade. No entanto, todos já sabiam que ela viria. Todos conviviam com essa ideia, porém a ideia de morte sempre é difícil, nunca é aceita com tranquilidade. Porque a morte é segredo que inquieta. Mas, segundo Agamben (1999, p. 126), para pôr fim a esse mistério devemos conhecer a linguagem:

O anjo da morte, que em certas lendas se chama Samuel, e do qual se conta que o próprio Moisés teve de o afrontar, é a linguagem. O anjo anuncia-nos a morte — e que outra coisa faz a linguagem? — mas é precisamente este anúncio que torna a morte tão difícil pra nós. Desde os tempos imemoriais, desde que tem história, a humanidade conta com o anjo para lhe arrancar o segredo que ele se limita a anunciar. Mas das suas mãos pueris apenas se pode arrancar aquele anúncio que assim como ele nos viera fazer. O anjo não tem culpa disso, e só quem compreende a inocência da linguagem entende também o verdadeiro sentido desse anúncio e pode, eventualmente, aprender a morrer.

A linguagem é inocente, assim como a morte, que se deixa larga ao anúncio do anjo, ao anúncio da música “*é doce morrer no mar*”, ao anúncio das histórias do cais. Mas como compreender a linguagem e sua inocência se não pelo caminho da morte? A morte que vai criando só para ter a matéria de sua labuta. O livro, a obra, a literatura, tudo se perde ao silêncio, tudo se constrói no silêncio, no ato de ler, de escrever, a morte, assim, como impossibilidade de acontecimento, a morte como um ato. Sempre prestes a reincidir.

Não é essa a função do escritor? Buscar a linguagem, valendo-se dela. Procurar o morrer, morrendo. Como Guma, ele se lança ao mar puxado por seus anseios. Para o desconhecido mar que tudo engole. Mas é do mar que tira seu sustento, é no mar que está seu amor, é no mar onde mora Iemanjá. Do mesmo modo esse fascínio pelo mistério

também concerne à obra, pois ela é o desconhecido que precisa do escritor para acontecer, mas que este só existe enquanto durar o acontecimento. A obra é mistério, que cabe ao escritor revelar, mas ele revela velando ao construí-la de palavras. E a medida que vela sua obra, vela a si mesmo como escritor.

Guma é o escritor de si e por isso se vai com labuta, ao encontro do desconhecido. Se perde tentando se achar nas águas do mar. Constrói e alimenta a família se desconstruindo e se perdendo no mar. Guma precisa dele tanto quanto ele precisa de Guma. Precisa de Guma nas suas cantigas, nas suas histórias, precisa de Guma para trazer mais homens e arrastá-los as terras de Aiocá. Guma precisa do mar para amar, pois o mar é seu amor. É a sua vida.

É por amor que Guma morre no mar, mas é justamente por esse amor que ele não consegue ir. Ou melhor, que Guma confunde-se com o seu amado e não volta à superfície, é por amor que ele se desprende da terra em busca de Iemanjá. Mas quem seria essa tão atraente criatura? Quem é essa que consegue ser mãe e mulher de todos os homens do cais? Ela, segundo o narrador (AMADO, 1995, p. 66), é

Iemanjá, que é dona do cais, dos saveiros, da vida deles todos, tem cinco nomes, cinco nomes doces que todo o mundo sabe. Ela se chama Iemanjá, sempre foi chamada assim e esse é o seu verdadeiro nome, de dona das águas, de senhora dos oceanos. No entanto os cancioneiros amam chamá-la de Dona Janaína, e os pretos [...] a chamam de Inaê, com devoção, ou fazem suas súplicas à Princesa de Aiocá[...]. Porém, as mulheres do cais, [...] as mulheres da vida, as mulheres casadas, as moças que esperam noivos, a tratam de Dona Maria, que Maria é um nome bonito, é mesmo o mais bonito de todos, o mais venerado, e assim dão a Iemanjá como um presente [...]. Ela é sereia, é mãe-d'água, a dona do mar, Iemanjá, Dona Janaína, Dona Maria, Inaê, Princesa de Aiocá.

Esse ser misterioso e incerto, cheio de nomes e histórias, é ele quem puxa Guma para se afogar nesse mistério. Iemanjá é mistério que não se deixa nomear, ou melhor, permite-se tantos nomes que se perde encoberta no seu próprio chamar. Talvez nessa incerteza more o seu fascínio, assim como, o fascínio do mar. O fascínio pela imprecisão, pelo desconhecido.

O fascínio pela infinitude do amor, que o acolhe no mar. Acolhe seu corpo e sua ânsia. Guma é acolhido no amor, no momento que colhe o amor que sentiu a vida toda. E não é esse amor, que irá lhe revelar todo o mistério? Que colocará fim em sua angústia e em sua espera? Não, pois o amor nada revela a não ser a sua própria ilusão de amor, que é tornar o conhecido um desconhecido. É o que nos diz Agamben (1999, p. 51):

Viver na intimidade de um ser estranho, não para nos aproximarmos dele, para o dar a conhecer, mas para o manter estranho, distante, e mesmo inaparente — tão inaparente que o seu nome possa conter inteiro. E depois, mesmo no meio do mal-estar, dia após dia não ser mais que o lugar sempre aberto, a luz inesgotável na qual esse ser único, essa coisa, permanece para sempre exposta e murada.

É o acontecer do mar para Iemanjá, de Iemanjá para Guma e, enfim de Guma para nós, leitores. Essa imensidão de falar, de contar, de dizer. A todos muito se fala de Guma, de Iemanjá, do mar. No entanto, onde estão estes seres em nós? O que significa esses seres para nós? Talvez sejam o amor. O incógnito e incomensurável amor, que guarda o amado, mostrando-o por infinitos ângulos, e cores e tipos. Mostrando-o sob infinitos nomes.

O amor suprime seu amado, ao gritá-lo ao vento. Ele esconde mostrando, ao passo que a morte mostra escondendo. Pois a morte anuncia, prenuncia, ameaça, mas nunca se revela, nunca consegue se mostrar em sua essência. Sempre está prestes a matar, mas quando mata já não existe. A morte tagarela que não cansa de dizer, mas que não consegue ser. Morte impotente. Enquanto o amor esconde, mostrando o que não, pois o amor finge que é, aquilo que jamais conseguiria ser. O desvelar das coisas, das pessoas, do próprio amor. Como fios a se entrelaçar, mostrando e guardando. O amor de querer saber, a morte de saber, a literatura por querer, saber, mas não poder. Como nos dizem os versos de Adélia:

Quem entender a linguagem entende Deus
Cujos Filhos são verbo. Morre quem entender.
(PRADO, Adélia. 2012, p.20)

Enquanto no romance Deus é Iemanjá, e lá ela é essa linguagem. Esse ser mítico, imenso, vazio de tão cheio. Enche-se de nossas acepções e de nossos queres, toma-nos para si, a fim de preencher todo esse imenso com nossas acepções e anseios, dos quais o maior é o querer saber, o entender o processo, o de dissecar o texto literário.

No entanto o entender, o amar, o morrer e, acima de tudo o Literário, são potências impotentes, forças que não conseguem se desvencilhar e acabam caminhando lado a lado, transformando silêncios em murmúrios e murmúrios em silêncios. Falando tudo o que não dizem, pois a elas é inerente o anseio, a procura. Enquanto a chegada, essa cabe a nós, enquanto leitores. De fazermos pontes entre a obra e a vida, de ligar Literatura ao murmúrio dela. De versarmos sobre ela tudo aquilo que não lhe cabe. De sentir amor e morte de uma forma tão intensa através de um só caminho, o literário.

DES ECHOS DE L'IMPOSSIBILITE DE LA MORT DANS MAR MORTO

RESUMÉ :

Dans cette travail nous allons voir l'oeuvre Mar Morto, de Jorge Amado, et rechercher par deux éléments récurrent dans cette oeuvre : l'amour et la mort. Ces éléments sont beaucoup présents dans la vie de Guma, des maritimes, de quai. Alors, nous suivrons l'analyse guidée par les études de la narration que sont présents en Agamben, Morin et Blanchot, nous recherchons tisser contextes entre lui, l'amour, la mort et la Littérature, guidés comme le gouvernail dans les mains expérimentées de Guma à la recherche des mystères de la mer et d'Iemanjá. Allons-y, avec lui, à la recherche du inconnue qu'est le récit.

MOTS-CLÉS : Guma; Amour; Mort; Mer; Littérature.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *Ideia de prosa*. Lisboa: Cotovia, 1999.
- AMADO, Jorge. *Mar morto*. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- MORIN, Edgar. *Amor, poesia, sabedoria*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- PRADO, Adélia. *Bagagem*. Rio de Janeiro: Record, 2012.

*Recebido em 02/09/2012.
Aprovado em 16/11/2012.*